

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Cervejo da Manhã

Class.: 04

Data: 05.10.67

Pg.: 11

OS GUERREIROS JÁ NÃO CANTAM MAIS - X

CM 1967.10.05 Nº 11
Beijo-de-Pau

INDÍOS

não atira

para matar

Gontran da Veiga Jardim

Os índios Beijo-de-Pau, a que nos referimos na reportagem anterior, estão sendo acusados de praticar violências contra brancos e fazendeiros que vivem ou transitam pelo rio Arinos, em Mato Grosso, mas ninguém dá a versão verdadeira dos acontecimentos. Vamos aqui explicar tudo. Já dissemos que os índios só atacam quando atacados ou hostilizados e isto pode ser provado pelos bispos responsáveis pelas Prelazias. Açam os prelados e também sertanistas que não roubam e nem assaltam; os índios são homens de boa vontade, trabalhadores, disciplinados e que só precisam de estímulo para progredir.

Contemos a história dos Beijo-de-Pau (Tapaiúna): um barqueiro do rio Arinos tentou, por conta própria, atrair o grupo colocando presentes (enxadas, facões, facas, material de caça e pesca), recebendo em troca, na volta, arcos, flechas e artesanatos indígenas, tudo num comércio espontâneo, mas em que os personagens não apareciam.

Esse barqueiro foi obrigado, no ano passado, a fazer



ONTEM

Beijo-de-Pau vivia em paz nas suas matas

uma viagem a Cuiabá para tratar de negócios pessoais, deixando o irmão trabalhando na fazenda, onde ambos eram empregados. O irmão seqüizou a filha do fazendeiro e foi punido pela lei da selva, nesse mundo-cão dos gerais, onde os fazendeiros são os senhores da vida e da morte.

O fazendeiro, branco e "civilizado", mandou os seus capangas enterrar flechas no corpo do sedutor e espalhar a notícia de que foram os Beijo-de-Pau que o haviam matado. Ao voltar de Cuiabá, o irmão, o mesmo barqueiro que tanto queria aproximação com os índios, ficou revoltado, e, por vingança, levou novos brindes, mas desta vez incluiu entre os presentes sacos de açúcar misturado com arsênico, solucionando, inconscientemente, os designios do maquiavélico fazendeiro, que de há muito estava de olho nas terras ocupadas pelos Beijo-de-Pau. Mulheres e crianças morreram às dezenas, como é fácil supor.

Dias depois, os jornais noticiavam que os Beijo-de-Pau estavam flechando brancos e animais. Qual a

ação do SPI para resolver essa problema? Este é o problema fundamental, porque se algum branco responder a tiro a advertência dos índios, estaremos diante de um conflito, que poderá custar ao Governo federal rios de dinheiro. Agora que o SPI tem novo diretor, da confiança do ministro Albuquerque Lima, o qual está disposto, conforme declarações por ocasião de sua posse, a dirimir tais questões, o caminho mais certo é escolher pessoal de gabarito e que não tenha vínculo com a quadrilha de ladrões, para uma aproximação pacífica junto aos Beijo-de-Pau. Esse fazendeiro terá que ser chamado à responsabilidade.

Sabe-se que entre os Beijo-de-Pau existe um branco, não identificado. Tanto pode ser um prisioneiro como um "renegado" que incita os índios a se rebelarem contra a antiga lei implantada pelos irresponsáveis que controlaram o SPI durante tantos anos. Houve época em que os hoje rebelados Beijo-de-Pau acreditavam nos brancos e tentaram, na sua inocente boa-fé, se aproximar. Mas a perversidade de fazendeiros inescrupulosos, que têm sua propriedade em terras antes pertencentes aos índios, não permitiu essa aproximação. Sacos de açúcar com arsênico podem desencadear uma guerra às margens do rio Arinos. Tudo isso por causa da inépcia, da incúria e da omissão dos órgãos pagos pelo Governo para dar assistência aos silvicultores.

Padre Adalberto, da Prelazia de Cuiabá, já foi por duas vezes flechado pelos Beijo-de-Pau, que apenas o feriram como advertência. Não se enganem; os índios acertam na cabeça de um passarinho a 20 metros de distância e até agora não mataram nenhum branco porque não o quiseram, apesar da maldade que fizeram com eles. Tudo isto prova que desejam uma aproximação; mas perguntamos: até quando esses "selvagens" tolerarão esse estado de coisas? Urge uma providência do coronel Heleno Nunes.

Para ilustrar o sofrimento que os brancos impuseram aos índios, basta uma frase usual entre eles, principalmente aqueles que até hoje não se integraram: "Precisamos amansar os brancos, que são muito selvagens". Foi isto que o SPI fez na sua ação devastadora, pontilhada de crueldade. A ambição, o racismo fanático, a maldade de uma raça que se diz superior, cavaram um profundo abismo entre "selvagens" e "civilizados", dificultando a ação evangelizadora dos missionários e de sertanistas idealistas que sofrem e vivem o problema, mas não participaram desse crime.

Recordemos aqui o padre Adolfo, o alemão barbudo de que falamos anteriormente. Quando alguém chegava à sua presença com notícias alarmantes sobre rebelião de índios gigantes ou antropófagos, ele calmamente respondia: "Não há nada, o SPI está precisando de dinheiro..." Hoje vemos que o bom padre Adolfo tinha razão. Os Nahimiquara, os Arara e os Cinta Larga, definidos pela camarilha do SPI como ferozes, recebem o padre Adolfo como um pai.